

premiocomunidade@atribuna.com.br

Comunidade em Ação

DOCTORES PALHAÇOS. Voluntários visitam crianças internadas em hospitais de Santos e São Vicente

Eles também participam de campanhas da Saúde promovidas por empresas e pelo Poder Público

“É muito bom trabalhar com crianças porque é sincera. Quando ela sorri para nós com uma seringa no braço, tomando medicamento, longe de casa, é porque, com certeza, conseguimos alcançar nosso objetivo”



André Villela
o dr. Sanador

250 leitos
são visitados mensalmente por voluntários durante suas horas de folga, aos sábados

SOS Só Riso procura humanizar atendimento nas pediatrias

Formado há pouco mais de um ano, **grupo de voluntários** se reúne nas tardes de sábado para prestar apoio terapêutico nas unidades hospitalares da Baixada Santista

BRUNO GUEDES
DA REDAÇÃO

Os olhos de Estéfani ganham vida quando distraídos pela magia das bolhas de sabão. Encantada, a menina de 7 anos nem pisca. Em um passe de magia, recebe uma pequena flor. Nos minutos em que fica rodeada pelas cores e sorrisos estampados nos rostos dos doutores palhaços, Estéfani ri, interage, e esquece da falta de ar e da dor que a levaram à internação hospitalar.

Toda semana, o grupo de voluntários SOS Só Riso tira desde discretos sorrisos até sonoras gargalhadas de dezenas de crianças como Estéfani. Eles se empenham em levar alguns minutos de alegria e amenizar a dor de pequenos que, internados em hospitais, longe do conforto de casa, têm poucos motivos para festejar.

A maioria dos integrantes é oriunda de outros grupos de doutores palhaços. Há pouco mais de um ano, eles resolveram formar uma nova entidade para atuar exclusivamente nos hospitais da Baixada Santista.

Hoje, os doutores e doutoras Sorriso, Gardenal, Mel, Dengosa, Hipoglós, Sonridor, Pendonga, entre outros personagens, visitam, sempre aos sábados, leitos de pediatria em São Vicente, no Centro de Referência em Emergência e Internação (Crei) e Hospital São José, e em Santos, no Guilherme Alvaro e no Complexo da Zona Noroeste.

“Nós queremos principalmente humanizar o trabalho na Saúde. Procuramos ironizar o papel do médico na visita às crianças”, contou um dos integrantes, André Villela.

Durante a semana, André atua no setor de Marketing de Relacionamento de uma empresa de logística. Nas tardes de sábado, ganha um grande nariz vermelho e um par de sapatos coloridos e de tamanho exagerado. Passa a ser o doutor Sanador e chama a atenção das crianças com seus truques de magia.

Há alguns anos, vestido de Papai Noel em uma festa de final de ano da empresa em que trabalha, ele descobriu que estimular a fantasia da criança e levar a ela esperança, além de benéfico, é prazeroso. “Foi uma brincadeira, mas as crianças levavam a sério. Uma pediu para que a mãe voltasse a morar com o pai, a outra, para que a pata de seu cachorro ficasse curada. E eu fiquei encantado com a crença delas”.

Doutor Sanador e outros 19 voluntários buscam ser não somente um remédio contra os efeitos das enfermidades que acometem os pacientes visitados. Eles tentam também amenizar os impactos causados pela realidade que os pequenos acabam presenciando em alguns hospitais públicos.



Voluntários começaram a atuar em eventos como o Ação Global e em campanhas de vacinação



A maioria dos integrantes é oriunda de outros grupos de doutores palhaços



Serviços

Serão premiados quatro projetos em três categorias (individual, grupos e entidades) e um outro que passará por votação popular. Os vencedores receberão um troféu e uma placa. A premiação será no dia 7 de novembro.

estão bem próximas deles, como alguém passando baleado para emergência, por exemplo, ou um acidentado com fratura exposta.”

TRANSFORMAÇÃO
O trabalho da SOS Só Riso começa no início da tarde de sábado no número 16 da Rua Rio de Janeiro, na Vila Belmiro, em um consultório de Psicologia cedido para que os integrantes ganhem os rostos dos doutores palhaços. Ali, vestem-se e se maqueiam.

Ricardo Guimarães, assistente de Operações que durante a semana usa como ingre-

Perfil



SOS Só Riso

O que faz: visitas a hospitais caracterizados como doutores palhaços, onde interagem com crianças internadas e fazem piadas e magia, levando descontração

Há quanto tempo: há 1 ano

Telefone: 7804-5647

Site: www.sossorriso.com

rias cores dividem espaço em seu rosto. É um dos mais antigos do grupo no trabalho de animar crianças internadas. “Eu já chego rindo. Temos que deixar os problemas lá fora para podermos alcançar o objetivo de levar alegria”, contou o agitado doutor.

Nos hospitais, além de divertir as crianças, eles proporcionam às mães um momento de

Personagem



Simone Vaz Simões Alschefsky

43 anos

A doutora Minancora Beija-flor é a alegria em pessoa. Em sua face, estão estampadas uma paisagem natural e um sorvete de casquinha. Os óculos de cor laranja dão ainda mais destaque à maquiagem. Inúmeras presilhas de cabelo, das mais variadas cores, e broches no avental completam o figurino. Dra. Minancora é Simone que, quando não está travestida do personagem, exerce a profissão de fisioterapeuta. Há 12 anos ela é voluntária em ações para crianças. No Natal, é Papai Noel em duas entidades beneficentes. “A humanização na Saúde, em qualquer tipo de tratamento, é muito importante”.

tirar a gente da tristeza quando estão aqui”, disse a mãe de Esté-

Grupo venceu a resistência

Apesar de serem comprovados resultados positivos do bom humor do paciente em tratamentos médicos, o grupo SOS Só Riso enfrentou resistência quando se propôs a atuar nos hospitais da região. “Muitos achavam que atrapalhariamos o bom andamento da unidade, até porque palhaço é visto como bagueceiro”, contou André Villela, o doutor Sanador.

Os voluntários começaram a atuar, então, em eventos como Ação Global e campanhas de vacinação. Para estabelecer regras, o grupo criou o Manual da *Clownidade* (alusão à palavra *clown*, palhaço em inglês, e qualidade).

Regras como lavar as mãos e os objetos lúdicos utilizados por eles antes de entrar no hospital, não trabalhar se estiverem com alguma doença viral, pedir auto-

rização para entrar no quarto, não interromper procedimentos terapêuticos e evitar perguntar qual a doença da criança ajudaram o grupo a organizar as visitas.

Somente em outubro do ano passado, seis meses após a formação do grupo, eles entraram no Crei, em São Vicente, para divertir as crianças. Hoje, contam com algumas parcerias que garantem o local para a preparação do trabalho, a compra da maquiagem e dos materiais utilizados, o transporte até os hospitais e a manutenção do site na internet.

O grupo controla a frequência de cada integrante e divulga um balanço das atividades e dos apoios recebidos para dar transparência ao trabalho.



FOTOS EDISON BARAÇAL